

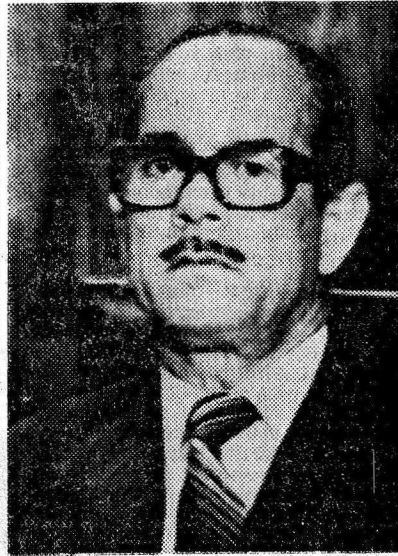
Alguns bancos não entram no "jumbo"

Da sucursal de
BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, revelou ontem que alguns pequenos bancos regionais norte-americanos já responderam formalmente que não vão aderir ao "pacote" de refinanciamento da dívida externa brasileira este ano. Mas ressaltou que isso não atrapalhará o fechamento do "empréstimo-jumbo" de US\$ 6,5 bilhões, porque já é programado com uma margem suficiente para a recusa de alguns bancos.

Ele confirmou que o Brasil, ao contrário do ano passado, está exigindo agora o comprometimento formal de todos os bancos no Projeto 4 — linhas de crédito interbancário para os bancos brasileiros no Exterior —, mas assegurou que isso não está causando problemas no fechamento do "pacote". Galvêas disse que o Projeto 4 deve situar-se em torno de US\$ 6 bilhões e que o compromisso escrito é para o Brasil não ficar sujeito às flutuações ocorridas no ano passado, que causaram deficiências também no Projeto 3 — linhas comerciais de curto prazo.

O "empréstimo-jumbo" deve ser assinado entre 23 e 25 próximos, mas o ministro explicou que a data ainda não está fechada, porque o comitê assessor, comandado pelo Citibank, está trabalhando na tentativa de conseguir a adesão de todos os bancos ao "pacote" brasileiro. Galvêas destacou também que, além de faltarem US\$ 100 milhões para os US\$ 6,5



Arquivo

Galvêas admite resistência

bilhões, existem problemas de ordem documental, porque alguns bancos ainda não comunicaram formalmente sua adesão.

RECUSA

Segundo Galvêas, todos os bancos que se recusaram a aderir ao "pacote" este ano já não participaram do refinanciamento da dívida no ano passado. Ele não soube precisar o número de bancos que não aderiram, mas explicou que esses bancos alegam que já não tinham crédito nos projetos anteriores, não estão em condições por razões de anteceden-

tes e, pela própria natureza do "pacote" financeiro, querem ficar fora.

Disse que a missão em Nova York, do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, agora é exatamente tentar conseguir a adesão dos outros pequenos bancos regionais dos Estados Unidos, Oriente Médio e América Latina, que ainda não formalizaram seu apoio, razão pela qual o "pacote" ainda necessita de uns US\$ 100 milhões para fechar nos US\$ 6,5 bilhões programados. Galvêas disse que falta ainda, por exemplo, a adesão de bancos da Argentina, Venezuela e dois do Chile.

Todos os bancos vão participar com dólares do "pacote" brasileiro, embora com cláusula contratual de que, em caso de bancos de países com moedas conversíveis, o credor pode determinar outra moeda. Ele acha que a valorização do dólar não afetará a programação financeira, e que não se tem de raciocinar em termos de elevação ou queda da moeda norte-americana. "É tudo dólar", enfatizou.

O ministro da Fazenda negou que alguns bancos norte-americanos já tenham preferido liquidar os créditos junto ao Brasil que se encontram com o pagamento atrasado. Segundo o ministro, o que acontece é que os papéis que os bancos têm em carteira sempre podem ser negociados. E isso sempre é feito quando quer "monetizá-los", fato "que não é ruim, mas ao contrário, é sinal de que tem tomador no mercado".